

## EM FOCO A SORORIDADE DECOLONIAL SOBRE O TRABALHO DE MULHERES ARTISTAS VISUAIS - UMA CURADORIA DE ARTE<sup>1</sup>

Fabiana Iolanda do Nascimento<sup>2</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie

### RESUMO

Este trabalho analisa vários dos motivos históricos que tentam justificar o motivo pelos quais as mulheres ainda são minoria em exposição e vivências artísticas em grandes instituições e reconhecimentos formais de mercado. A partir de uma curadoria de arte feminista alguns fios de meadas foram puxados a partir de questionamentos dos “status quo” das mulheres na arte. As artistas que participaram deste trabalho ainda não estão tecnicamente em seus lugares de direito e cujos motivos teóricos da não inclusão feminina nas artes argumentam com a invisibilidade decolonial delas.

PALAVRAS-CHAVE: curadoria de arte; curadoria de arte feminista; sororidade; convergências artísticas; feminismo decolonial; artistas visuais.

### PERSPECTIVAS FEMINISTAS A PARTIR DE UMA CURADORIA DE ARTE

Para o presente trabalho de curadoria de arte foram selecionadas três artistas visuais e que convergem como artistas muralistas, pois dentre todos os trabalhos que elas desenvolvem, elas também pintam paredes nos bairros de São Paulo e em suas comunidades.



**Figura 1.** Série Hierofanias - Aquarela e lápis sobre papel algodão, A3. **Fonte:** Acervo pessoal da Artista Karina Beraldo

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT16SE – Estudos Audiovisuais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, e-mail: fabiana.nascimento@gmail.com.

Um dos objetivos da pesquisa era dar voz, espaço e ouvidos às artistas mulheres e que ainda não conquistaram um lugar de destaque nas artes embora retratem a realidade cotidiana das mulheres, ou seja, seus corpos, seus dia-a-dia, sua condição social, o espaço onde vivem, a indigenização, as mulheres negras e o impacto da colonização na vida dos povos colonizados, etc.

Com o avançar da pesquisa sobre a obra de Karina Beraldo, Ju Costa e Ordalina Cândido, aspectos decoloniais foram delineados para a pesquisa e em plena *sororidade* as obras individuais de cada uma delas; quanto às obras de outras artistas mulheres e da condição social da mulher num geral, esta pesquisa ganhou um formato decolonial, pois, Karina, Ju e Ordalina exercem o que há de mais decolonial em práticas feministas.

O termo decolonialismo ou decolonialidade significa o conjunto de práticas ou ações, conceitos, pesquisas e estudos que tentam diminuir, e até reverter, os efeitos da colonização nos países em que este processo histórico ocorreu (VERGÈS, 2022).

Karina Beraldo retrata os corpos reais das mulheres e tem um reconhecimento “in loco” em suas exposições. Seu reconhecimento é no contato corpo-a-corpo com o público e seu traçado é tão perfeito, que a nossa pergunta para ela é: por que não a conhecemos antes, pois ela está fora dos grandes espaços e mídias expositivos.

Ju Costa, auto-entitulada como uma mulher e artista periférica, retrata as mulheres brancas, negras indígenas além de acolhê-las em sua casa, M.A.Na.S., Mães Artistas na Sagacidade<sup>3</sup>.



**Figura 2:** Kayapo Xikrin – 2017 Acrílica sobre tela 70x40cm. **Fonte:** Acervo pessoal da Artista Ju Costa.

<sup>3</sup> “Um espaço de arte, cultura e meio ambiente. Articulado pela rede M.A.Na.S e aberto para demais grupos e artistas da quebrada para somar! Rua B B Varela, 229-Itaquera, São Paulo, Brazil 08240170” (BIO da página do Instagram @labcasa\_cultural).

A curadoria de arte é a atividade que exige conhecimento dos repertórios artísticos vigentes e, para tanto, a conceituação do que um curador de arte busca é o trabalho prévio ao trabalho de campo, que é busca de portfólios dos artistas, visita a ateliês, viajar a bienais e às novas galerias e museus do mundo até então não conhecidas pelo curador, etc. Exemplo: a busca por coletivos artísticos femininos de São Paulo. Para o curador, a curadoria é uma espécie de colecionismo ativo. (CRUZ, 2022)

O mais importante seria conversar com eles e perguntar sobre os projetos que não conseguiam realizar nas condições existentes... o processo sempre começa com uma conversa em que pergunto aos artistas quais são seus projetos não realizados, e então a tarefa é encontrar maneiras de realizá-los (OBRIST, 2014, p.20).

A terceira artista que participou de nossa pesquisa foi Ordalina Cândido, mulher negra, radicada em Diadema na grande São Paulo e realizadora de diversos projetos sociais tanto com adultos quanto com crianças e que ressaltou em uma de nossas conversas a não presença do estado em apoio aos trabalhos sociais. Ordalina pinta o povo.



**Figura 3:** Rainha Africana – Acrílico sobre tela 70 X 90. **Fonte:** Acervo pessoal da Artista Ordalina Cândido.

O trabalho de mulheres é permeado por não visibilidade ou prioridade da sociedade, pois conforme Satou (2024)<sup>4</sup>,

A presença de artistas mulheres na Coleção de Arte da Cidade do Centro Cultural São Paulo - acervo que reúne cerca de 2900 obras - é desigual em comparação aos artistas homens. Estimase, aproximadamente, segundo Vera Maria Porto de Toledo Piza (pesquisadora da Coleção), que a quantidade de artistas mulheres corresponde a 424 nomes, enquanto os artistas homens somam 1038. Essa disparidade de números é uma realidade frequente e histórica nos acervos de arte de grandes instituições do mundo: no *Metropolitan Museum*, em Nova Iorque, 5% das artistas na seção de arte moderna eram mulheres na década de 1980. Esses dados revelam que a busca pela igualdade de gênero no universo das artes é ainda uma questão que está longe da superação.

Concomitante à elaboração curatorial, mais dados eclodiram sobre a representatividade das mulheres nas artes e nos museus: em 2019, o MASP promoveu duas mostras sobre trabalhos de mulheres – Histórias das Mulheres: Artistas até 1900 e Histórias Feministas: Artistas depois de 2004. Mas qual terá sido o motivo de tal promoção de duas exposições sobre mulheres no mesmo ano? Conforme o site do MASP<sup>5</sup>, essa revisão das políticas de exposição e das coleções do MASP faz parte de um cenário de mudanças que incluiu, ainda em 2017, a mostra retrospectiva do grupo de artistas e ativistas feministas estadunidenses *Guerrilla Girls*, que trouxe uma crítica e provocação sobre a quantidade de nus femininos existentes nos museus e dos dados estatísticos de que as pinturas de mulheres são minorias nos museus.

Na época da exposição do movimento Guerrilha Girls<sup>6</sup> no MASP, em 2017, e a partir do caráter investigativo do grupo, apenas 6% das obras em exposição no museu paulistano eram assinadas por mulheres.

Hoje o MASP conta com 22% de seu acervo composto por trabalhos de mulheres. Embora não seja ainda um acervo igualitário quantitativamente, os números

---

<sup>4</sup> SATOU, Danilo. A representatividade da mulher na arte. Disponível em:

<https://centrocultural.sp.gov.br/a-representatividade-da-mulher-na-arte/>. Acesso em 10/03/2025.

<sup>5</sup> MASP. Disponível em: <https://masp.org.br/sobre>

<sup>6</sup> As Guerrilla Girls se definem como um grupo de ativistas feministas que usam fatos, humor e imagens ultrajantes para expor os preconceitos étnicos e de gênero, bem como a corrupção na política, na arte, no cinema e na cultura pop.

melhoraram; mas existe muito trabalho a ser realizado ainda; por isto falar deste assunto, arte feminina, criar uma curadoria feminista, falar sobre a situação das mulheres nas artes fortaleceu minha vontade de por o tema em discussão como sendo o objetivo da dissertação em si.

De acordo com Simioni (2019), em seu livro **Profissão Artista**:

Compreender a participação das artistas do sexo feminino na história das artes plásticas no Brasil demanda uma atenção para ações específicas, empreendidas por sujeitos particulares em situações concretas, de modo que suas relevâncias sejam determinadas não por postulados universais, mas a partir de conjunturas muitas vezes desfavoráveis e limitadas, as quais balizam as possibilidades das ações, mas também lhes conferem inteligibilidade (2019, p. 12).

## **MULHERES ARTISTAS, HIGH-LIGHTS DE SEUS STATUS NA HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA.**

Vários fatores históricos corroboraram para a não visibilidade quantitativa de mulheres nos museus e nas galerias de arte do Brasil como: as mulheres só puderam frequentar as academias de artes a partir da República, só em 1893 que as mulheres foram legalmente aceitas na Escola Nacional de Belas Artes conforme definição patriarcal; existia a alternativa do Liceu de Artes e Ofícios ou cursos particulares para mulheres de famílias mais abastadas, havia nas academias um fomento da pudicícia, onde “não era bom” que as mulheres vissem corpos nus nas aulas, a crítica de arte não favorecia as mulheres disseminando que seus trabalhos eram amadores, as mulheres não tinham voz para se autodeclararem artistas nas famílias, pois as queriam como esposas, mães e donas de casa; as mulheres foram silenciadas em razão de uma expressão de feminilidade e detrimento do exercer-se uma profissão artística; muitas das condições relatadas acima foram dilatadas pelo colonialismo.

É devido a estes fatores e muitos outros que movimentos feministas nas artes são tão importantes e podem até mesmo serem revolucionários e inovadores. E o trabalho contemporâneo de artistas visuais mulheres é imprescindível que seja visto, valorizado e exposto para que o mundo em determinado momento assimile e elabore definitivamente que não somos menos em nada, que somos autônomas e independentes, que temos

cérebro bastante funcional e voz potente além de traçados fortes pintados com tinta de parede e vontade.

Deixo aqui minha sororidade decolonial à Ju Costa, mulher de fibra e de força e que deixa as portas abertas inclusive para nós para que exerçamos nosso ofício de pesquisadora dignamente a partir de seu acolhimento para além de seu traço.

Estendo minha sororidade decolonial a Karina Beraldo, pois seu trabalho em si é altamente decolonial às mulheres e aos seus corpos. Corpos estes controlados por feminilidades impostas, construções de famílias disfuncionais e ideais estéticos impostos como ser magra, alta, eurocêntrica, heteronormativa.

Ofereço minha humilde sororidade decolonial a Ordalina Cândido; nossa grande inspiração diária. Apenas ofereço, pois o que posso acrescentar a quem conheceu um avô que veio para o Brasil num navio negreiro e que o fazia funcionar a partir da força física de seus braços?

Que a sororidade faça parte da vida de todas as mulheres em escala global e que o mundo em algum momento possa experienciar um mundo diferente, governado por mulheres.

## REFERÊNCIAS

- CRUZ, Éderson da. **Noções de práticas curatoriais**. Curitiba: InterSaberes, 2022.
- OBRIST, Hans Ulrich. **Caminhos da Curadoria**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2014.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista - Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. São Paulo: EdUSP, 2019.
- VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.